

POESIA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO FUNDAMENTAL I: UMA ARTICULAÇÃO POSSÍVEL

MOURA, Verônica de Fátima Gomes de
Universidade Federal da Paraíba

1. A TRANSVERSALIDADE DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ÁREA DE LINGUAGENS

Qualquer pensamento que se pretenda em relação à melhoria da vida na sociedade e no mundo impõe a condição indispensável em se pensar sobre a questão ambiental. Mas qualquer estratégia para instigar o ser humano a agir responsabilmente em relação ao meio ambiente não será contemplada apenas com a aquisição de conteúdos, pois, implica, impreterivelmente, em adoção de comportamentos.

“A problemática ambiental exige mudanças de comportamentos, de discussão e construção de formas de pensar e agir na relação com a natureza. Isso torna fundamental uma reflexão mais abrangente sobre o processo de aprendizagem daquilo que se sabe ser importante, mas que não se consegue compreender suficientemente só com lógica intelectual.” (BRASIL, 1988, p. 180)

Nesta concepção, um indivíduo pode ser investido de capacidade intelectual superior, mostrar-se capaz de aplicar a sua vivência científica na tecnologia e esta na sociedade e, no entanto, realizar ações danosas ao meio em que vive, sem se sentir responsável por este ambiente.

A questão ambiental exige um compromisso com o coletivo e é neste aspecto que reside o seu maior desafio, perante o modelo vigente de desenvolvimento econômico e perante a essência da natureza humana.

“Tantos problemas [...] de concepção [...] e de valores, ligados aos impasses concretos e materiais deste nosso final de século se impõem à humanidade. Salienta-se a necessidade de trabalhar também os aspectos subjetivos das interações individuais e coletivas.” (BRASIL, 1988, p. 180)

Reconhecendo-se o papel fundamental da educação para o enfrentamento da questão, a Educação Ambiental foi assumida no Brasil pela Constituição de 1988, como uma obrigação nacional, com base na crença de que, se for bem conduzida, ela é capaz de promover mudanças de comportamento individual e atitudes e valores de cidadania que podem ter importantes consequências coletivas, no social.

Para isto, o desenvolvimento de trabalhos com a temática Meio Ambiente não se refere ao ensino acrítico dos conceitos da ciência da ecologia ou simplesmente reduzir esta educação a uma visão esotérico-existencial.

“Trata-se então de desenvolver o processo educativo, contemplando tanto o conhecimento científico como os aspectos subjetivos da vida, que incluem as representações sociais, assim como o imaginário acerca da natureza e da relação do ser humano com ela. Isso significa trabalhar os vínculos de identidade com o entorno socioambiental.” (BRASIL, 1988, p. 182)

Nesta perspectiva, os conteúdos de Meio Ambiente foram introduzidos na escola, integrados a todas as áreas pela transversalidade, para serem incorporados a todas as práticas educativas e, simultaneamente, instituir uma visão global e abrangente da questão ambiental, que contemple tanto os aspectos físicos quanto os histórico-sociais.

Cada profissional de ensino deve ser um agente da interdisciplinaridade exigida pela questão. “*A riqueza do trabalho será maior se os professores de todas as disciplinas discutirem e, apesar de todo o tipo de dificuldades, encontrarem eles para desenvolver um trabalho conjunto.*” (BRASIL, 1998, p. 193).

Devido aos seus objetos de estudo, as áreas de Ciências Naturais (ensino fundamental), Ciências da Natureza (ensino médio) e Geografia são as tradicionais parceiras para o desenvolvimento dos estudos ambientais. Mas é fundamental que os professores especialistas dessas áreas reconheçam e procurem superar a visão fragmentada que limita qualquer área, pois, de outro modo, não serão criadas as condições para que a interdisciplinaridade se estabeleça.

Todos os professores, dentro da especificidade de sua área, devem adequar o tratamento dos conteúdos para contemplar o Tema Meio Ambiente. Todas as demais áreas, dentro da sua especificidade, são fundamentais para contribuir com que o aluno tenha uma visão mais integrada do ambiente.

A inserção da preocupação ambiental nas várias áreas do saber deve ser decisiva. Como sendo parte de um todo, cada professor pode e deve procurar explicitar os vínculos da sua área com as questões ambientais.

Em relação à área de Linguagem e Códigos, por exemplo, a disciplina Língua Portuguesa abrange diversas possibilidades “*de destacar o ambiente como parte do contexto geral das relações ser humano/ ser humano e ser humano/ natureza*” (BRASIL, 1998, p. 194). Mediante as potencialidades previstas, o estudo com e das linguagens ajuda os alunos a trabalhar seus vínculos subjetivos com o ambiente, permitindo-lhes expressá-los. Também é possível o trabalho com as várias formas de comunicação, expressão e interação e a diversidade de realizações das

“inúmeras “leituras” possíveis de textos orais e escritos, explicitando os vínculos culturais, as intencionalidades, as posições valorativas e as possíveis ideologias sobre meio ambiente embutidas nos textos.” (BRASIL, 1998, p. 193)

As diversas formas de se trabalhar o desenvolvimento com e das linguagens podem se constituir como um instrumento básico para os alunos construírem o seu processo de conhecimentos, além de que as linguagens se apresentam como formas de expressão que possibilitam a “*manifestação de pensamento e sensações*” (BRASIL, 1998, p. 194).

No que se refere à Educação Ambiental, há ainda um aspecto fundamental a ser considerado, com o qual a área de Linguagens pode contribuir de maneira essencial: a pretensão em se trabalhar a educação ambiental exige que se pense em adoção de estratégias que vislumbrem mudanças de atitudes, uma condição que passa implacavelmente pela subjetividade.

Falar em subjetividade implica em conscientização, que, por sua vez, só pode ser considerada mediada pela sensibilização. “*Só quando se inclui também a sensibilidade, a emoção, sentimentos e energias se obtêm mudanças significativas de comportamento.*” (BRASIL, 1998, p. 182)

Sensibilização não é simplesmente uma questão de conscientizar sobre algo ou de influenciar um pensamento, mas, sim, de conscientizar sobre um sentimento. É tornar o indivíduo mais consciente daquilo que ele próprio já sente. Sob este prisma,

“a educação ambiental é algo essencialmente oposto ao adestramento ou à simples transmissão de conhecimentos científicos, constituindo-se num espaço de troca desses conhecimentos, de experiências, de sentimentos e energia. É preciso então lidar com algo que nem sempre é fácil, na escola: o prazer.” (BRASIL, 1988, p. 182)

Neste sentido, evocamos as potencialidades que as atividades com a poesia podem oferecer e favorecer os estudos e os conhecimentos sobre educação ambiental, pois a Poesia “*tem a ver fundamentalmente com a expressão do sentimento e da emoção*” (PINHEIRO, 2007, p.23) e quando bem conduzidas na escola, é essencialmente e potencialmente capaz de suscitar o prazer.

2. AS FUNÇÕES DA POESIA E AS POTENCIALIDADES PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Os conteúdos de Meio Ambiente devem ser integrados ao currículo escolar numa relação de transversalidade e devem permear todas as áreas dos saberes, de maneira que se articulem em direção à interdisciplinaridade que o tema exige. Neste sentido, apresentamos

considerações sobre as potencialidades que a poesia oferece para uma interdisciplinaridade com conhecimentos acerca de questões ambientais.

Por mais que a era moderna tenha se consolidado com a supremacia do progresso da técnica, diante da qual se assiste à hegemonia das modalidades da comunicação tecnológica sobre o texto escrito, a poesia ainda é uma das modalidades mais ricas e eficazes na função de sistematizar a fantasia. É tanto que as diversas modalidades que interligam a comunicação à imagem e redefinem a comunicação oral através da técnica, como, por exemplo, o cinema, a telenovela e a publicidade buscam apoio na poesia.

Como síntese de uma expressão artística que traduz a história da humanidade, a obra literária investe a literatura da capacidade de confirmar a humanidade do homem, a grande função humanizadora defendida por Antônio Candido (1999a).

Na amplitude desta concepção postulada por Cândido, podemos especificá-la para a poesia que, enquanto expressão individual e subjetiva, traduz uma experiência humana. Nesta condição, desperta, inevitavelmente, o interesse pelos elementos históricos, individuais e sociais que a permeiam e a interligam ao mundo real, assim como também interessa os fatores relativos ao valor e a sua atuação psíquica e social.

Ao satisfazer a necessidade de ficção e fantasia, a poesia configura-se como resposta a esta necessidade humana universal e torna-se capaz de atuar psicologicamente no homem.

Considerando que a necessidade de fantasia, condição latente no ser humano, refere-se sempre a alguma realidade concreta do mundo físico e da sociedade, a função social da poesia é efetivada quando, como elemento de integração, é capaz de influenciar o homem e contribuir para transformações na sociedade.

A capacidade integradora da poesia é realizada pela interligação entre imaginação e a realidade sensível do mundo a que necessariamente a imaginação se ligue. Por meio dessa força integradora da poesia e o mundo real, a transformação no social pode ocorrer quando ela oferece explicações para as causas do mundo físico e da sociedade, contribui na formação da personalidade do indivíduo e influencia no seu modo de pensar e de agir no meio social.

A atuação da poesia na personalidade do indivíduo pode ser percebida pelas formas como, muitas vezes, uma obra literária influencia o leitor, de modo consciente ou no subconsciente, e opera um inculcamento, mesmo que imperceptível.

No aspecto individual, a leitura de poemas, ao acionar a fantasia, “*introduz um universo que, por mais distanciado da rotina, leva o leitor a refletir (...) e a incorporar novas experiências*” (ZILBERMAN e LAJOLO, 1998, p. 89), ativando-lhe a consciência e ampliando o conhecimento crítico porque desautomatiza o pensamento cotidiano.

No aspecto social, a poesia induz o leitor a socializar a experiência, a “*cotejar as conclusões com as de outros leitores, discutir preferências*” (ZILBERMAN e LAJOLO, 1998, p. 89) e, desta maneira, induz ao diálogo, à expressividade, à troca de experiências e estimula a sociabilidade.

No contexto da escola, a poesia oferece condições “*de ampliar a expressão do indivíduo*” e a “*de ao mesmo tempo, tornar o mundo e o homem mais compreensível, por meio da transformação da palavra*”, (COSSON, 2006, p. 39).

Retomando a concepção mais ampla da função da literatura, na qual a poesia se insere, Cosson (2006) recorre às palavras de Antonio Candido, para argumentar em favor da função humanizadora da qual a literatura é investida e, por conseguinte, relacionamos à poesia:

a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (CANDIDO, *apud* COSSON, 2006, p. 19).

Devido à plenitude dos conhecimentos – psicológicos, históricos, culturais e linguísticos - a poesia pode contribuir para a formação dos indivíduos, tanto na esfera social quanto no aspecto individual. Ela possibilita conhecimentos não somente sobre o homem e sobre o mundo, mas também se oferece como “*expressão do que não conseguimos dizer e a tradução mais precisa daquilo que queremos*” (COSSON, 2006, p. 39).

Pinheiro (2007, p. 19) acredita que se os professores refletirem sobre as funções que a poesia pode dar conta, poderá haver um maior reconhecimento da importância do estudo de poemas em sala de aula.

Para este autor, a “*eficácia educativa*” da leitura de bons poemas depende da consciência que o professor possui sobre as contribuições que o estudo da poesia pode oferecer para a formação dos seus alunos. Daí que a conscientização pelos professores sobre as contribuições específicas que o contato com a poesia pode oferecer na vida dos alunos pode apontar um caminho que justifique e dê um sentido para o estudo de poemas em sala de aula.

A este respeito, Pinheiro (2007) remete ao ensaio “*A função social da poesia*” de T. S. Eliot, no qual são destacadas como funções essenciais da poesia: a capacidade de ampliar a consciência, aguçar a sensibilidade, desenvolver e enriquecer a expressão verbal.

Neste sentido, Pinheiro recorre a Eliot para reafirmar a poesia como uma expressão subjetiva que “*tem a ver fundamentalmente com a expressão do sentimento e da emoção*” (PINHEIRO, 2007, p. 23), capaz de ampliar a consciência e apurar a sensibilidade, tanto a do poeta quanto a dos leitores. “*Ao exprimir o que as outras pessoas sentem*”, o próprio poeta

“*está modificando seu sentimento ao torná-lo mais consciente*”, ao mesmo tempo em que “*está tornando as pessoas mais conscientes daquilo que já sentem e, por conseguinte, ensinando-lhes algo sobre si próprias*” (ELIOT *apud* PINHEIRO, 2007, p. 23). Como uma expressão na qual “*há sempre comunicação de uma nova experiência [...] ou a expressão de algo que experimentamos*”, ao se servir de palavras para traduzir estas experiências, a poesia “*desenvolve e enriquece a língua*” (ELIOT *apud* PINHEIRO, 2007, p. 22).

3. O TRATAMENTO PARA A LEITURA DA POESIA NA ESCOLA

Apontando para a metodologia, Pinheiro ressalva que mesmo sob qualquer função definida para o seu estudo, a compreensão da expressão poética só ocorrerá se “*a experiência que o poeta nos comunica*” for assimilada de maneira significativa, e isto depende, substancialmente, “*do modo como é transmitida ou estudada*” (PINHEIRO, 2007, p. 22).

Para isto, o autor alerta para que os professores pensem em formas de como abordar os poemas em sala, de maneira que aproximem os alunos da poesia, mas lembra que esta tentativa requer não somente a observação de metodologias. Exige também procedimentos didáticos pelos quais possam conduzir essa aproximação de forma planejada: “*deve-se pensar que atitude se tomará, que cuidados são indispensáveis e, sobretudo, que condições reais existem para realização do trabalho*” (PINHEIRO, 2007, p. 25).

É importante que os alunos reconheçam os poemas não como simples expressões de sentimentalidades banais, mas, sim, como a tradução de uma subjetividade, expressa de tal modo, que a sua leitura e compreensão pode exigir uma “*operação que convoca a sensibilidade*” (VILLAÇA, 1998, p. 95). Para isto, é indispensável que o professor realize o trabalho individual e anterior de uma leitura integradora, para que procure enxergar e planejar as abordagens mais adequadas em sala de aula, tendo em vistas o nível de escolaridade e de cognição dos alunos, de maneira que eles assimilem a aprendizagem pretendida com o exercício da leitura de poemas.

Villaça (1998) lembra que o hábito de leitura proporciona “*um mínimo de familiaridade com os poetas da língua portuguesa*” (VILLAÇA, 1998, p. 96), cuja familiaridade institui mais segurança aos professores para selecionar ou avaliar os textos que pretendem abordar na sala de aula. O autor considera que a familiaridade do professor com textos poéticos é fundamental para sensibilizar os alunos, pois, a forma como o professor relaciona-se com os poemas, conseqüentemente será transmitida aos alunos, os quais

difícilmente poderão sensibilizar-se frente “a um texto apresentado de modo insensível” (VILLAÇA, 1998, p. 96).

Reforçando o pensamento de Villaça, Pinheiro (2007) acrescenta que, além da prática da leitura de poemas, o prazer e a sensibilidade também são condições indispensáveis ao professor que objetive despertar o senso poético nos alunos, pois, “*sem um mínimo de entusiasmo, dificilmente poderemos sensibilizar nossos alunos*” (PINHEIRO, 2007, p. 26). Somente um professor que seja capaz de “*se emocionar com uma imagem, com uma descrição ou com o ritmo de um determinado poema*” (PINHEIRO, 2007, p. 26) poderá transmitir esta experiência a seus alunos e abrir caminhos para que haja uma convivência prazerosa que resulte em “*experiências significativas*” da leitura poética.

Pinheiro lembra que “*experiência significativa*” de leitura não remete à quantidade de obras lidas e nem tão pouco à erudição, mas, sim, a leituras realizadas “*de forma proveitosa*” (PINHEIRO, 2007, p. 26), àquelas que, conforme Zilberman e Lajolo, são as que “*confundem-se com o nosso cotidiano, tornam-se lembranças perenes, explicam nossa própria vida*” (ZILBERMAN e LAJOLO, 1998 p. 90).

Como acredita que o hábito da leitura é adquirido pela prática regular e sistemática, Pinheiro defende o início desta atividade desde as séries iniciais com as crianças, como condição para a formação de um hábito que não deve ser restrito somente à escola, pois, se “*a escola, para o aluno, é provisória*”, a meta deve ser a de “*formar um leitor que prescindia do professor*” (PINHEIRO, 2007, p. 82).

Pinheiro (2007) sugere alguns procedimentos que podem promover o contato do aluno com a poesia em sala de aula, tais como: a leitura oral de poemas, a organização de antologias com a participação dos alunos, encenações curtas de poemas e jogos dramáticos a partir de poemas lidos, abordagens de poemas a partir de núcleos temáticos, textos de cordel e interlinguagens com textos de letras de música.

4. UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O POEMA “AVE PRESA” NO ENSINO FUNDAMENTAL I – 3º ao 5º Ano

Proposta de uma Sequência Didática para a abordagem do poema “*Ave presa*”, de Manoel Monteiro, no ensino fundamental I, objetivando a transversalidade do tema Meio Ambiente, através de um estudo interdisciplinar sobre questões ambientais e a leitura e abordagem de poema, no ensino fundamental I.

AVE PRESA

Quando vejo a ave presa
Pressinto a tristeza dela
Ela não canta, mas geme
Na sua gaiola bela
Era bom soltar a ave
E prender quem vende ela.

Manoel Monteiro, In: PINHEIRO, Hélder (org.) 2004, p. 42

4.1 Informações sobre o tema “prender aves em casa”

A) Apresente **Vídeos** realtivos ao tema.

B) **Leia um texto informativo** para os alunos.

Exemplo de um Texto Informativo

Existem aves que, para serem criadas em casa, não precisam ser legalizadas, como, por exemplo, os Agapornis e as Calopsitas. Sendo assim, podem viver engaioladas. Entretanto, independente de uma ave precisar ou não de legalização, mantê-las presas é uma falta de respeito à essência destes animais.

Mas, se mesmo assim você quiser manter aves em cativeiros, lembre-se que qualquer ser vivo merece e precisa ser bem cuidado, receber amor e a devida atenção. E, uma vez resolvendo criar uma ave em gaiola, não pense mais em querer libertá-la. Você não sabe as chances dela sobreviver se ficar livre, pois existem animais que nunca conseguem se readaptar, ainda mais se antes não for realizado um trabalho para verificar as condições de ela ter condições de sobreviver, quando sozinha na natureza.

O ideal é você chamar o IBAMA, pois eles irão levá-la a um local apropriado e de lá saberão o que fazer, se ela tem condições ou não de voltar à natureza.

Se você souber de alguma ave que, mesmo que não esteja engaiolada ilegalmente, mas está sendo mal cuidada e mal tratada, chame o IBAMA, pois os técnicos saberão dar um caminho melhor para ela. Se você souber da existência de uma ave que está sofrendo maus tratos, denuncie, mas soltá-la nunca porque, provavelmente, ela não irá sobreviver depois de ser acostumada ao cativeiro.

A ave é de natureza livre, por isto mesmo é que lhe foram dadas as asas. Pense se você fosse uma ave e fosse aprisionada para viver engaiolada. Por melhor e mais bonita que fosse esta gaiola, como você se sentiria?

C) Reflita com os alunos sobre a criação de aves em casa e sobre a comercialização ilegal desses animais e sobre a contribuição desta prática para o desequilíbrio da fauna e do meio ambiente. Relacione o tema às questões ambientais e as suas consequências para todas as formas de vida. Suscite o debate e estimule os alunos a falarem sobre o que conhecem do assunto.

4.2 Apresentação e Leitura do Poema

A) Somente após o primeiro momento de informações e debate sobre o tema, **apresente a letra do poema**, em slide, cartolina ou no quadro negro. Procure uma figura para ilustrar a apresentação do poema. Não entregue agora nenhuma cópia individual do poema para os alunos, a fim de que eles possam prestar atenção ao poema sem a preocupação em ter de ler.

B) Informe aos seus alunos sobre o autor do poema.

B) Leia o poema em voz alta. *“Ler em voz alta é um modo de acertar a leitura, de adequar a percepção a uma realização objetiva.”* (PINHEIRO, 2007 P. 34). O professor deve sempre ler primeiro em voz alta, para que as crianças percebam a entonação do poema. Além disto, a leitura do professor também serve para quebrar a resistência dos alunos, pois após a leitura feita pelo professor, os alunos podem perceber melhor o sentido e a beleza do poema.

C) Entregue uma **cópia escrita** para as crianças ou peça para que elas copiem o poema no caderno.

D) Leia com os alunos. Realize uma **leitura coletiva**.

E) Peça que alguns **alunos leiam individualmente**, mas não force a leitura dos que se recusarem.

4.3 Abordagens do Poema:

A) Chame a atenção dos alunos para a estrutura em verso e peça para eles identificarem as rimas presentes no poema;

B) Por que, no poema, a ave não canta, mas geme?

C) Por que será que a ave do poema está presa?

D) O que significa a simbologia de uma ave ou um pássaro? OU O que a figura (simbologia) de uma ave ou pássaro sugere?

E) Qual o sentido ou finalidade para se criar um pássaro preso em uma gaiola? Para que se criar pássaros em casa?

F) Criar pássaro em casa ajuda ao meio ambiente? O que isto tem a ver com o meio ambiente?

As questões apresentadas são apenas sugestões para abordar o poema. Você pode utilizar todas, selecionar algumas e, ainda, pode elaborar outras;

Você pode entregar uma cópia com as questões, pode escrevê-las no quadro para que os alunos respondam na **modalidade escrita** e depois apresentam **oralmente** ou podem ser feitas oralmente para que os alunos também respondam **somente na modalidade oral**.

4.4 Impressões e Expressões dos Alunos sobre o Poema:

A) Leia com os alunos algumas opiniões sobre o ato de prender passarinho em gaiolas. Você pode entregar uma cópia com as opiniões (na mesma folha das questões) ou apresentá-las em slide. Exemplos:

“Acho que é uma maldade prender passarinho em casa. Passarinho preso na gaiola não aprende a voar”

“Eu tenho um passarinho em casa e acho muito bom porque ele canta para mim e enfeita a minha casa. Ele me faz companhia.”

“Eu gosto de criar o meu passarinho porque ele canta muito. Só que, às vezes, não sei se ele canta porque está alegre ou porque está triste.”

B) Peça para os alunos escreverem uma opinião a respeito do ato de prender passarinho em gaiolas.

C) Peça para os alunos fazerem um pequeno texto sobre a temática do poema e ilustrarem com um desenho relacionado ao poema.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões ambientais exigem mudanças de comportamentos na relação com a natureza e, para isto, é indispensável que eduquemos os cidadãos para agirem de modo responsável na conservação do ambiente saudável no presente e para o futuro. Se para pensarmos o futuro, devemos cuidar do presente, o alicerce desta construção volta-se indubitavelmente para a formação das crianças, mediante um processo educativo que contemple o conhecimento científico aliado a aspectos subjetivos da vida, pois somente com a inclusão da sensibilidade, da emoção e dos sentimentos se obtêm mudanças significativas de comportamento.

Durante décadas, a poesia foi apresentada na escola como ilustração de bons exemplos de sentimentos, padrões de comportamento ou modelo de construção gramatical e o seu estudo prestava-se a fins meramente instrucionais. Mas a nossa proposta não tem como objetivo a utilização da poesia, na escola, com fins doutrinários.

Defendemos a articulação da poesia com os conhecimentos voltados para a educação ambiental porque acreditamos nas potencialidades que a leitura de poemas pode oferecer a um trabalho que vislumbra mudanças de hábitos e comportamentos e refere-se fundamentalmente à sensibilização do ser humano. Como, então, não enxergar possibilidades em uma modalidade de expressão que trabalha essencialmente com a sensibilidade do homem?

A nossa proposta prevê o tratamento de temas sobre questões ambientais, numa perspectiva da interdisciplinaridade com a leitura de poemas, mas se pauta em abordagens que priorizem a leitura dos poemas com as crianças do ensino fundamental I. Não se trata de utilizar o poema como um pretexto meramente pragmático, tendo em vista uma finalidade moralizante ou didática, para instruir os alunos sobre concepções acerca do meio ambiente.

Acreditamos que, por intermédio da promoção da leitura de poemas, poderemos sensibilizar os alunos e suscitar-lhes a ampliação da percepção da realidade, de maneira que se enxerguem como elementos integradores do seu meio. Mas, anterior a tudo, defendemos a promoção de estratégias de experiências de leituras em sala de aula, com as crianças do ensino fundamental I, a fim de instituir nelas o gosto e o prazer pela leitura de poemas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília – DF: MEC/SEF, 1998. 436 p.

CANDIDO, Antonio. *A literatura e a formação do homem*. In: **Remate de males - Revista do Departamento de Teoria Literária**. IEL / UNICAMP. Campinas, 1999a, p. 81-89.

COSSON, Rildo. **Letramento literário – teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

MONTEIRO, Manoel. *Ave Presa*. In: PINHEIRO, Hélder (org.) **Pássaros e bichos na voz de poetas populares**. Campina Grande: Bagagem, 2004.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. 3ª ed. revista e ampliada. Campina Grande: Bagagem, 2007.

VILLAÇA, Alcides. *Literatura na escola*. In: **Língua Portuguesa**. HUBNER, Regina Maria et al. São Paulo: FDE, 1998, p. 95 – 102. Série Diário de Classe, n° 3.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1998.